

Masculinidade e Consumo de Bebidas Alcoólicas: A Construção de Maneiras de Beber¹

Eduardo Doering Zanella

zanellad@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul –UFRGS

Introdução

A partir de uma perspectiva de gênero, o presente trabalho trata da relação entre masculinidade e consumo de bebidas alcoólicas. Este estudo constitui-se de uma pesquisa etnográfica, desenvolvida de março a outubro de 2010, entre uma rede de indivíduos que frequenta cotidianamente o mesmo bar, localizado na cidade de Porto Alegre. A investigação incidiu nas regras sociais que configuram as concepções positivas e negativas das maneiras de beber neste campo, bem como nos valores que sustentam tais noções. A pesquisa objetivou compreender as permissões e as transgressões do consumo alcoólico para estas pessoas, de modo a apreender os significados atribuídos a esta prática.

O “Bar do Morro”, local onde este estudo foi realizado, é um estabelecimento comercial destinado prioritariamente à venda e ao consumo de bebidas alcoólicas. As relações sociais entre seus frequentadores se traduzem em uma intensa sociabilidade “de bar”, derivada da prática diária e cotidiana de beber. Este é, nas palavras deles, um “bar de bairro”. Este termo alude a uma relação mais próxima entre os fregueses e é tomado em oposição aos bares “de avenida” ou “de centro”, onde se entende ser a rotina mais rápida e seus clientes mais dispersos. Tem-se a ideia que nesses locais a clientela passa menos tempo no bar e não cria, através do convívio cotidiano, laços sociais mais densos e duradouros. Trata-se, então, de uma freguesia regular, composta majoritariamente por homens, grande parte deles entre os 40 e 60 anos de idade, sendo raros aqueles que estão aposentados. Estes indivíduos pertencem às camadas “populares”, distinção que fundamento em uma classificação

¹ Texto publicado na Revista Ponto Urbe, volume 9, dezembro de 2011.

própria dos frequentadores deste bar, referente ao meu estrato social, considerado por eles como economicamente mais elevado.

É importante mencionar que meu contato com este campo remonta há seis anos, sendo anterior a esta pesquisa. Circulo normalmente pelo bar e seus fregueses são pessoas cuja companhia me é familiar. Desse modo, algumas impressões e insights que se desenvolveram nos argumentos que constituem esse trabalho são referentes a esse tempo anterior de convivência, quando a postura etnográfica não guiava meu posicionamento neste campo. Assim, além da observação e participação no cotidiano do bar, das “interpelações” a seus frequentadores acerca de temas caros a esse estudo, parte considerável dessa pesquisa também consistiu em repensar conjuntamente com meus interlocutores tais tempos passados, agora à luz de novas hipóteses e por meio de novos modelos interpretativos.

Trato a seguir das indagações e motivações que levaram a presente pesquisa a deter-se na masculinidade para compreensão do consumo de bebidas alcoólicas. Na sequência, a fim de introduzir o material etnográfico propriamente dito, exponho algumas considerações analíticas relativas à masculinidade e gênero na relação com as maneiras de beber. A partir destas ponderações, o texto centra-se nos ideais de masculinidade entre os frequentadores do Bar do Morro, descrevendo os modos com que concepções positivas e negativas de beber são configuradas através das compreensões que se possui deste ideal. Por fim, com base na investigação desenvolvida, trato do significado do consumo de bebidas alcoólicas para estas pessoas.

Masculinidade, gênero e maneiras de beber

O interesse antropológico pelo consumo de bebidas alcoólicas procede de certo desconforto em relação a alguns “testes de alcoolismo” veiculados pela indústria cultural e por organizações de saúde. Tais testes, supostamente baseados em saberes médicos, me parecem pretensamente generalizantes ao tentarem mensurar o grau de dependência alcoólica dos indivíduos através de perguntas referentes a quantas vezes se bebe por dia ou por semana, em quais ocasiões, que tipo de bebida etc. Este estudo se inspira na compreensão de que nem todas as pessoas avaliam sua relação com as bebidas alcoólicas a partir dessas referências e no entendimento que há uma pluralidade de concepções possíveis acerca do que é “beber bem” ou “beber mal”.

Nesse sentido, deparei-me em campo com uma ampla variedade de hábitos alcoólicos. Seja pela preferência por determinadas bebidas ou pela frequência de consumo, os usos que os fregueses do Bar do Morro fazem das bebidas alcoólicas são bastante diversos. A preferência varia de acordo com as bebidas disponíveis no bar: cervejas, claras e escuras; vinhos, brancos e tintos, secos e suaves; cachaças com limão, bitter, suco, refrigerante ou pura; destilados em geral, com maior destaque para o uísque e para a vodca, sendo possível também beber através de combinações entre estas diferentes modalidades. A maior parte dessas pessoas ingere estas bebidas diariamente, alguns as bebem com menos frequência, e uma parcela ainda menor evita consumi-las no Bar.

No esforço de compreender o entendimento que esses indivíduos fazem de seu consumo alcoólico, atentei para o vazio de significado do qual gozavam certas categorias do âmbito médico nesse campo. As expressões “alcoolismo”, “alcoólatra”, “dependência química” ou “vício” não eram recorrentes nos discursos de meus interlocutores acerca de suas maneiras de beber. Consequentemente, não estavam disponíveis para essas pessoas quaisquer formas de tratamento associadas a estas noções, sejam elas pautadas pela abstinência enquanto um estilo de vida, pela reclusão em hospitais psiquiátricos ou clínicas de tratamento, ou pela inserção em irmandades de mútuo auxílio. Contudo, isso não significa que os frequentadores do Bar do Morro não reflitam sobre seu consumo de bebidas alcoólicas, que não lhe concebiam uma qualidade excessiva ou que não tenham formas alternativas de gerenciá-lo.

A prática social de beber, independente dos grupos ou coletividades que a realizam, está inserida em um conjunto de valores, representações e organizações sociais. Estes arranjos nunca são os únicos possíveis: cada sociedade, grupo ou cultura organiza momentos, bebidas e lugares propícios para sua consumação (NEVES, 2003).

De tal modo, o consumo de bebidas alcoólicas é analisado neste estudo em sua dimensão social, como uma prática dotada de regras que, referenciadas por determinados valores, dizem respeito às situações de seu exercício. Tais regras orientam quem pode ou não beber, qual o tipo da bebida a ser consumida, em que locais, na companhia de quem etc. O conceito “maneiras de beber”, de Neves, sintetiza bem essa abordagem: tratam-se de “construções sociais orientadas por atitudes e crenças que definem prescrições e proscricões” (NEVES, 2003:79).

Assim, o entendimento de que o consumo de bebidas alcoólicas praticado no Bar do Morro não se sustenta em uma perspectiva médica ou clínica abriu um vasto campo para esta pesquisa. A partir da falta dessas referências, este estudo constituiu-se na investigação dos domínios culturais em que estão fundadas as concepções dos frequentadores do Bar do Morro acerca do consumo de bebidas alcoólicas. Tratou-se de apreender a partir de que elementos estas pessoas constroem suas maneiras de beber e que significados atribuem a essa prática.

A perspectiva proposta por Neves indica que para compreender quais são os limites, os excessos e as permissões das maneiras de beber, é necessário tanto entender as relações entre estas noções, visto que são definidas pelo mesmo conjunto de valores, quanto situar o consumo alcoólico dentro da conjuntura particular em que sua prática se realiza (NEVES, 2003). Isso implica em não se ater somente às bebidas em si, mas também em atentar para sua relação com outros elementos importantes para configuração do contexto em que seu consumo acontece.

Esta abordagem, ao destacar a relevância das particularidades circunstanciais do consumo de bebidas alcoólicas, conduziu a presente análise ao enfoque dos ideais de masculinidade entre os frequentadores do Bar do Morro. Trata-se de uma dimensão densa de significado entre essas pessoas, que atravessa as suas mais variadas práticas e relações sociais. É nesse sentido que a masculinidade foi percebida em campo como um valor fundamental, que informa as regras sociais que pautam a relação destes indivíduos com as bebidas alcoólicas, sendo tomada neste trabalho como uma via significativa para compreensão das maneiras de beber. Entretanto, não obstante a ênfase na masculinidade, para objetivar essas questões é necessário adotar uma perspectiva de gênero. Visto que a masculinidade é constituída através de múltiplas relações, entre homens e mulheres, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres, seu estudo deve estar ancorado em uma abordagem relacional (COSTA, 2002). Portanto, são as relações entre o masculino e o feminino que devem ser atentadas, caindo-se no risco de essencializar tais noções caso se associe sem mediações as relações homem/masculino ou mulher/feminino (COSTA, 2002). Assim, para apreender os elementos a partir dos quais a masculinidade é constituída, bem como os modos com que emerge nas relações sociais, é imprescindível pensá-la analiticamente a partir das relações de gênero, visto que sua própria constituição é fruto dessas relações.

Todavia, gênero não se refere somente às diferenças sociais e culturais presentes nos comportamentos de homens e mulheres, mas sim ao próprio aparato que dá forma à produção destas diferenças. Ou seja, além de investigar os significados atribuídos às diferenças corporais, é necessário refletir o próprio modo como corpo é percebido, e de que maneira essa percepção produz as diferenças consideradas significativas nas distinções entre homens e mulheres (NISCHOLSON, 2000).

É, então, por essa perspectiva que este trabalho trata da relação entre masculinidade e consumo de bebidas alcoólicas, objetivando compreender os modos pelos quais a dimensão de gênero conforma a construção das maneiras de beber entre os frequentadores do Bar do Morro. A seguir, a fim de pensar as formas com que a masculinidade emerge nesse campo, parto das próprias distinções de gênero para estas pessoas. Na sequência, trato das maneiras com que a masculinidade, através da noção de autocontrole sobre o beber, informa prescrições e proscricções para o consumo de bebidas alcoólicas, bem como dota essa prática de significado.

Um corpo forte

Uma particularidade nas concepções de corpo de meus interlocutores revelou-se um importante elemento para fundamentação de suas distinções de gênero. É opinião corrente no bar, entre homens e mulheres, que os corpos masculinos são, em múltiplos sentidos, mais fortes e resistentes que os femininos. Essa relação entre masculinidade e força é densa de significado, de modo a ser constituinte da própria condição masculina neste campo. No que se refere às maneiras de beber, o vigor e força do corpo masculino se traduzem na compreensão de uma maior “resistência” desse organismo em relação ao feminino no que diz respeito à ingestão de bebidas alcoólicas.

Por os corpos masculinos serem compreendidos como dotados de maior resistência para o consumo de bebidas alcoólicas, os homens são tidos como portadores de maior controle sobre esta prática do que as mulheres. Esta concepção de corpo, portanto, conforma a naturalização de uma noção de autocontrole sobre o consumo alcoólico como uma qualidade intrinsecamente masculina, de modo a emergir, a partir dessa reflexão, como um elemento constituinte da masculinidade neste campo. Esta noção diz respeito a como os homens se percebem como dominantes sobre seus desejos e vontades. Deste modo, as permissões e transgressões que

configuram as maneiras de beber no Bar do Morro serão diferenciadas de acordo com o gênero.

A partir da compreensão de tal relação, entre masculinidade e feminilidade, diversas atitudes e hábitos usuais das maneiras de beber no Bar do Morro tornaram-se inteligíveis. O próprio envolvimento mais intenso dos homens em relação às mulheres com as bebidas alcoólicas, bem como a conseqüente frequência mais assídua e constante destes ao bar, são costumes naturalizados a partir de tal distinção de gênero. Ou seja, através da concepção de um corpo masculino mais resistente às bebidas alcoólicas, o próprio hábito de consumi-las se fundamenta como uma propriedade essencialmente masculina, e o bar, espaço preferencial para realização desta prática, um território destinado à consumação de uma sociabilidade entre homens.

Também é significativo desta distinção de gênero os tipos de bebidas preferidas por homens e mulheres e seus respectivos modos de consumo. Quando pensada a partir dessa perspectiva, a cachaça é compreendida como uma bebida “forte” demais para o organismo feminino, e, portanto, mais apropriada ao masculino, uma vez que este é mais resistente à sua potência. Às mulheres está disponível a cerveja, considerada uma bebida mais leve e fraca. Nesse sentido, também é expressivo que no Bar do Morro seja comum que os homens, esporadicamente, bebam sozinhos, isolados de outros fregueses do bar, enquanto o mesmo hábito é considerado “vulgar” se realizado por uma mulher. Este costume vincula-se a outro traço marcante das maneiras de beber no Bar do Morro: os homens bebem de suas próprias bebidas alcoólicas, enquanto as mulheres devem beber através da relação, ou seja, dividindo as bebidas com outros frequentadores do bar.

Todavia, mesmo sendo possível identificar tais diferenciações de gênero nas maneiras de beber no Bar do Morro, a partir de múltiplas maneiras de entender e expressar o que é possuir controle sobre as bebidas alcoólicas, vários referenciais de masculinidades são possíveis, bem como as maneiras de beber que tal valor configura. Vários controles, várias masculinidades. Enquanto alguns homens compreendiam o hábito de beber “na rua”, simbolizada pelo bar, como uma atitude própria masculina, de modo a solicitarem tal identificação por meio desta prática, outros frequentadores do bar me afirmavam que somente bebiam em suas casas, pois não eram homens de “beber em bar”. De maneira semelhante, era comum que outra parcela dos fregueses do Bar do Morro se valesse do consumo de cachaça para o mesmo objetivo. Estas argumentações sustentavam-se na

concepção de que o consumo desta bebida, devido ao seu elevado teor alcoólico e a facilidade com que embriaga, exige maior controle daqueles que a bebem. Por conseguinte, sua prática é compreendida como própria daqueles “habilitados” para seu consumo, que designam os bebedores “mais resistentes e fortes”.

Em contrapartida, em outros fregueses, divergentes dessa percepção, eu identificava uma opinião contrastante. Estes me garantiam que os clientes mais problemáticos do Bar do Morro eram justamente aqueles que preferem a cachaça. Referiam-se, assim, precisamente à falta de controle dos indivíduos que a consomem habitualmente. Nesse sentido, também são reprovados os frequentadores deste bar que misturam diferentes tipos de bebidas alcoólicas. Há no Bar do Morro o julgamento que esse hábito revela uma “fraqueza” para beber, evidenciada pela busca de uma, assim interpretada, “embriaguez imediata” que tais combinações podem causar. Por outro lado, de modo análogo àqueles que somente consumiam cachaça, os adeptos desse costume afirmavam que bebiam assim “porque conseguiam”, já que eram “fortes o bastante”.

A partir de tais exemplos, torna-se evidente que a concepção de um corpo forte e resistente para os homens, do qual emerge uma noção de autocontrole masculino sobre as bebidas alcoólicas, configura tanto maneiras de beber dicotômicas em relação ao gênero, quanto também referencia a construção de múltiplas masculinidades entre estas pessoas. Assim, ao mesmo tempo em que a noção de autocontrole sobre o beber fundamenta uma distinção de gênero binária (masculino/feminino), ela também é um elemento sujeito a disputa e negociação, conformando diversas formas de ser masculino.

Portanto, a masculinidade deve ser concebida como uma identidade situacionalmente construída (COSTA, 2002): não se trata de uma condição homogênea, mas sim de uma experiência múltipla e plural, que muitas vezes pode ser contraditória e fragmentada (MONTEIRO, 2002). Assim, o conceito de identidade masculina não é unificador da experiência e não há referentes fixos e invariáveis para sua elaboração (MONTEIRO, 2002). A categoria “homem” não abrange todas as possibilidades possíveis do gênero e diversas formas de sê-lo estão disponíveis aos indivíduos, associadas a inúmeros elementos, como estilo de vida, idade, classe social, sexualidade, e no caso desta pesquisa, também ao consumo de bebidas alcoólicas.

Considerações finais

O presente trabalho tratou do consumo de bebidas alcoólicas entre os frequentadores de um bar popular, situado na cidade de Porto Alegre. Com o objetivo de compreender as permissões e as transgressões atribuídas às maneiras de beber neste campo, a pesquisa centrou-se nos valores significativos em jogo na realização desta prática social. Nesse sentido, a masculinidade foi percebida em campo como um valor basilar a partir do qual as regras sociais que pautam o consumo alcoólico são produzidas. Assim, o esforço neste estudo deteve-se na investigação dos modos com que esse ideal configura prescrições e proscricções para as maneiras de beber vigentes no Bar do Morro.

Visto que a masculinidade é constituída através das relações de gênero, suas configurações entre meus interlocutores foram analisadas a partir de uma distinção fundamental entre homens e mulheres, que designa uma peculiaridade em suas concepções de corpo: uma maior força e resistência dos organismos masculinos em relação aos femininos para ingestão de bebidas alcoólicas. Tal concepção conforma uma noção de autocontrole sobre o consumo destas como uma propriedade intrinsecamente masculina. Tratou-se, então, de descrever as maneiras de beber que se tornam possíveis através das compreensões que estes indivíduos fazem do que é controlar o beber alcoólico.

Este trabalho tratou de demonstrar que as disposições com que o consumo de bebidas alcoólicas é organizado no Bar do Morro, bem como os significados que lhe são atribuídos, vinculam-se profundamente a determinadas relações gênero. Ou seja, os sentidos conferidos às diversas atitudes que conformam as maneiras de beber neste campo, como, por exemplo, a preferência pela cachaça ou pela cerveja, a opção por beber sozinho ou acompanhado, no bar ou em casa, entre várias outras questões, dependem das concepções destes indivíduos acerca das semelhanças e diferenças entre homens e mulheres, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres, entre outras infinitas esferas da dimensão social e cultural de suas existências, que este trabalho está impossibilitado de dar conta.

Percebe-se que na classificação de um beber como adequado ou problemático, importa menos a quantidade de bebida ingerida do que as implicações desta prática. Nesse sentido, o consumo de bebidas alcoólicas não deve transgredir as expectativas sociais de gênero. Contudo, isso não significa que haja somente duas maneiras possíveis de beber, uma para homens e outra para mulheres. Pelo

contrário, múltiplas formas de entender essas identidades são possíveis, bem como estão em disputa e negociação os valores que as conformam. Assim, constatei que a masculinidade não é uma identidade fixa e invariável, mas ao contrário, denota uma experiência heterogênea e plural, que comporta uma diversidade de significados possíveis.

O próprio consumo de bebidas alcoólicas é uma das formas de definir esses significados e dotar a categoria “homem” de seus sentidos particulares. Consumir bebidas alcoólicas, como qualquer outro ato de consumo para Douglas e Isherwood (2004), possui a qualidade ritual de fixar significados. Portanto, ir ao bar, beber cachaça ou cerveja, junto de outras pessoas ou solitariamente, é uma forma de dar sentido às coisas, pessoas e acontecimentos: “o consumo usa os bens para tornar firme e visível um conjunto particular de julgamentos nos processos fluídos de classificar pessoas e eventos” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004:115).

Consumir bebidas alcoólicas é, então, um esforço para criar fronteiras simbólicas. Portanto, as regras sociais que orientam esta prática não estão para estas pessoas como medidas restritivas. Por outro lado, são produtoras de sentido. Ao construir uma específica forma de beber, as pessoas que frequentam o Bar do Morro também estão classificando: definem-se e diferenciam-se mutuamente enquanto homens e mulheres.

Referências bibliográficas:

COSTA, Rosely G. Da. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. In: ALMEIDA, H. B. De et al (orgs.). Gênero em matizes. Bragança Paulista, EDUSF. 2002.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro, UFRJ. 2004.

FIORE, Maurício. Algumas reflexões sobre os discursos médicos sobre o uso de "drogas". Encontro anual Associação Nacional Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, MG. São Paulo: ANPOCS, 2002. Disponível em:

LOPES, Adriana D.; MAGALHÃES, Naiara. A Boia da Prevenção. Veja, São Paulo, nº 36, set. 2009, pp. 86-93.

MONTEIRO, Marko. Sujeito, gênero e masculinidade. In: ALMEIDA, H. B. De et al (orgs.). Gênero em matizes. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

NEVES, Delma Pessanha. O Consumo de Bebidas Alcoólicas: Prescrições Sociais. BIB. São Paulo: n. 55, p. 73-98, 1º sem. 2003.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 2000, vol.8